

**LÁZARO, João (2024).** *Na Teia da Aranha. Debate público, mobilização e internacionalismo no movimento operário português (1865-1877)*. Porto: Edições Afrontamento, 329 pp., ISBN: 9789723620160.

Como refere Fátima Sá e Melo Ferreira, ao abrir o prefácio, esta obra “fazia falta”. Resultado da investigação de doutoramento de João Lázaro<sup>1</sup>, defendida em setembro de 2021, são múltiplas as razões que justificam a sua originalidade e pertinência: na sociedade portuguesa e fora dela, é um período de várias revoluções políticas, científicas e culturais, pouco estudado sobretudo em comparação ao século XX, embora existam excelentes obras<sup>2</sup>. A historiografia do movimento operário e anarquista em Portugal tendeu a privilegiar o estudo das principais organizações, personalidades e ideias. Esta obra vem dar um precioso contributo concedendo-lhe uma perspetiva internacionalista.

Situando a sua análise no período que medeia entre 1865 e 1877, o estudo prolonga a cronologia utilizada pelo autor na sua dissertação de mestrado, do Congresso Social de 1865-1866 até ao I Congresso dos Operários Socialistas em Portugal (1877). Demonstrando como o movimento operário fez parte do “espaço público” português e internacional na segunda metade do século XIX, dinamizando debates e criando organizações, foca o debate público, dentro do e sobre o movimento operário, inserindo-o no contexto do aparecimento da Primeira Internacional em Portugal e dos diálogos e polémicas com o socialismo e republicanismo que se iam formando enquanto movimentos e partidos políticos. O livro convoca ainda conceitos da sociologia histórica, como a “esfera pública” (burguesa) de Jürgen Habermas, a “esfera pública” popular de E. P. Thompson e o “espaço público” proletário de Oskar Negt e Alexander Kluge. É um trabalho que beneficia de uma análise em múltiplas escalas e dimensões para compreender como se construiu uma “teia de aranha” pela Europa com ramificações em Portugal (p. 11-13), enriquecido por uma investigação exaustiva, em arquivos nacionais e internacionais, colocando em confronto várias fontes, como correspondência internacional, privada e institucional, algumas inéditas, mostrando como universos sociais e institucionais distintos, mas interligados, debatiam as mesmas questões.

<sup>1</sup> Disponível em documento eletrónico: [https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/23353/1/phd\\_joao\\_diz\\_carvalho.pdf](https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/23353/1/phd_joao_diz_carvalho.pdf).

<sup>2</sup> Em Portugal, destaquem-se os estudos, de diferente sentido e profundidade, de Maria Antónia Lopes, Vítor de Sá, Maria de Fátima Bonifácio, José Miguel Sardica, Pedro Tavares de Almeida, entre outros. Fora de Portugal, a título de exemplo, veja-se a excelente obra de OSTERHAMMEL 2014 e, ainda, a de BAYLY 2004.

A obra organiza-se em 13 capítulos. Depois de uma introdução de 3 páginas, Lázaro começa com o Congresso Social de 1865 promovido pelo Centro Promotor, cuja história trata nos capítulos 2, 3 e 4. Como aí se demonstra, as divisões e debates internos e públicos, no final da década de 1860 e inícios de 1870, culminaram na saída (e entrada) de vários sócios, levando à implosão do Centro (p. 31-45), tratada no capítulo 4. Lázaro mostra como alguns membros criaram grupos mais ou menos secretos (p. 51-56), concluindo que a morte do Centro se explica pelo abandono quase simultâneo das duas forças que o criaram: os movimentos socialista e liberal (p. 64). Os vários socialismos iriam divergir e tentar ocupar o espaço deixado vago, assistindo-se à emergência de uma nova geração socialista, imbuída no espírito de 1848 e da Comuna (1871), com José Fontana, Antero de Quental, João Bonança, Eduardo Maia, Nobre França e Azedo Gneco. A imagem do Centro denota os conflitos internos “entre o novo e o velho” (p. 296), emergindo um novo tipo de associativismo internacional, conferindo um caráter político e social ao movimento operário, a par com novas organizações de “transição”, abordadas no capítulo 5, que, embora rivais, se iriam fundir, iniciando um processo de onde sairia o Partido Socialista Português (p. 58-66).

Ao longo de toda a obra, Lázaro demonstra as ligações ao movimento internacional e a Engels e Marx. A análise da correspondência entre Nobre França e Engels, José Maria Tedeschi e Paul Lafargue, da imprensa da época, de relatos de Nobre França, José Maria Tedeschi, Antero de Quental, Jaime Batalha Reis, José Fontana, Eduardo Maia e João Bonança, de historiadores contemporâneos, como Max Nettlau, e bibliografia sobre o período, permitem a Lázaro descrever as informações escassas, confusas e contraditórias sobre a secção portuguesa da Internacional e a Aliança da Democracia Socialista em Portugal (p. 79-102). O capítulo 6 (o mais extenso) trata da criação da Federação Regional Portuguesa e da chegada da Internacional a Portugal, por intermédio de internacionalistas espanhóis, através dos “fios de uma teia de aranha” europeia (p. 84), inserindo o movimento português no movimento socialista europeu (p. 86). Destaca ainda a importante influência de Antero de Quental, visto como o “chefe do socialismo em Portugal” (p. 106-107), e demonstra uma crescente preocupação na esfera pública e no parlamento, servindo a figura de Marx como uma personificação do perigo revolucionário que supostamente entrava em Portugal (p. 122-132).

No capítulo 7 trata da primeira participação da secção portuguesa, representada por Paul Lafargue (genro de Marx), no Congresso de Haia, de 1872 (p. 135-145). No capítulo 8 explora o impacto da revolta na cidade de Alcoy, em Alicante, em julho de 1873, considerando-a uma das principais re-

voltas operárias do século XIX, mas ausente na historiografia portuguesa (p. 149-158). No capítulo 9, aborda a missão de um agente francês em Portugal, em 1873, em cujos relatórios e cartas para França, assinava como “Latour”, referindo José Fontana como o “ator principal” (cit. p. 178) da Internacional em Portugal e como “Karl Marx português”<sup>3</sup> (p. 171-179). O capítulo 10 foca a vida e importância de José Fontana (p. 181-188). Lázaro posiciona-se no debate historiográfico em torno da sua dupla identidade. Depois de, segundo o autor, alguma historiografia ter reproduzido este tópico acriticamente<sup>4</sup>, a tese é questionada (SANTOS 1983). Lázaro debruça-se sobre os argumentos (p. 181-207), considerando a ideia romântica e atrativa (p. 191), mas apenas “uma curiosidade histórica” que serve “para romantizar e perpetuar a imagem de um herói” (p. 207).

A obra considera ainda o movimento grevista de 1872-1873, tratado no capítulo 11, como a “primeira tentativa de desencadear um movimento grevista abrangente e pujante” (p. 241), destacando que a Fraternidade Operária dinamiza o debate público enquanto comunica com o Conselho Geral da Internacional, através dos “fios da vasta teia” (p. 220). Como se demonstra no capítulo 12, este movimento levaria a uma crise, propondo-se a criação do Partido Socialista, o que acontece em 10 de janeiro de 1875, após ter enfrentado um processo de resistência inicial. O Partido veio introduzir a dinâmica eleitoral no movimento operário, embora sem trabalhadores nas listas, não tendo conseguido conquistar uma posição política significativa. Criou-se o jornal *O Protesto*, a 7 de agosto de 1875, para dinamizar a opinião pública, então considerada em “degradação” (cit. p. 270). Lázaro dedica duas páginas ao conceito de “operário-escritor”, de Jacques Rancière (p. 272-273), embora merecesse mais análise pela dualidade interessante e pouco desenvolvida entre operários e intelectuais. O Congresso Socialista de 1877, tema do último capítulo, permite transmitir uma imagem de união do movimento, que perdeu a sua fraca influência perante a criação do Partido Republicano, em 1876. Apesar disto, consagrou a existência de um Partido Socialista em Portugal, aprovando o seu programa e regulamento, e recebeu felicitações no espaço público nacional e internacional (p. 287-292). Lázaro conclui que o movimento socialista, mais que pelas alterações materiais, foi transformado pelos debates ideológicos na esfera pública e pelas tentativas de mobilização e organização, que resultaram no aparecimento de uma “opinião pública” por-

---

<sup>3</sup> Veja-se um texto que Lázaro escreve, noutra lugar, sobre este capítulo: <https://www.esquerda.net/dossier/os-internacionalistas-portugueses-sob-vigilancia/93513>.

<sup>4</sup> Lázaro refere-se aos estudos de Carlos da Fonseca, César Oliveira, Jacinto Rodrigues ou Maria Filomena Mónica.

tuguesa sobre o movimento operário, dinamizada por grupos que estabeleceram contactos com uma “teia de aranha internacionalista”, permitindo ao movimento desenvolver, a partir da década de 1870, uma mobilização política, social e económica.

De modo geral, é uma obra original e densa, refletindo a complexidade do período e a sua curta duração, e por isso não é de leitura fácil. Cada aspeto é esmiuçado detalhadamente, o que tem tanto de enriquecedor como de desafiante, mesmo para um leitor iniciado no tema. Tratando-se de um período confuso e pouco estudado, que só valoriza o trabalho, este teria beneficiado de mais explicações sobre as numerosas organizações e militantes que, ao serem mencionados sem contextualização, podem deixar o leitor pouco preparado, afetando a clareza e o encadeamento. O livro organiza-se em 13 capítulos com tamanhos desproporcionais, sendo que esta desigualdade não é inteiramente inteligível<sup>5</sup>. Não comprometendo a compreensão, o livro beneficiaria de uma revisão editorial, contando algumas gralhas. Alguns conceitos mereciam também uma explicação prévia. Por exemplo, lê-se sobre “esfera pública” e “espaço público”, mas a primeira referência a Habermas surge na página 49, e os conceitos de Thompson, Negt e Kluge não são mencionados, ou desenvolvidos. Do ponto de vista da sociologia histórica, teoriza-se pouco um conteúdo que, pelo internacionalismo e pelas redes informais, o merecia, esperando-se um diálogo entre uma bibliografia estrangeira focada nas redes internacionais. Contudo, a excelente pesquisa em arquivos estrangeiros eclipsa a falta de teorização. Trata-se, por isso, de uma obra mais expositiva e descritiva que analítica e explicativa.

Todavia, estes reparos não invalidam o enorme mérito desta investigação: ter encontrado os “fios” entre as personalidades portuguesas e europeias e ter mostrado como o movimento é trazido para Portugal e aqui se desenvolve paralelamente a um debate na “esfera pública”. Através da análise da “esfera pública” portuguesa, Lázaro explora a formação, os conflitos e os desenvolvimentos da mobilização no movimento operário, enquanto mostra como tudo se desenvolveu sob o pano de fundo de uma “teia de aranha internacionalista”. Com esta obra faz-se luz neste período historiograficamente obscuro, o que não é pouco. É um excelente contributo para a história deste movimento.

---

<sup>5</sup> Sem contar com o Capítulo 1, que se trata de uma introdução de três páginas, o capítulo mais pequeno, o terceiro, conta com oito páginas, e o maior, o sexto, conta com 56 páginas.

## Bibliografia:

- BAYLY, Christoher (2004). *The Birth of the Modern World, 1780-1914: Global Connections and Comparisons*. Maiden, MA: Blackwell Publishing.
- OSTERHAMMEL, Jürgen (2014). *The Transformation of the World. A Global History of the Nineteenth Century*. Princeton, New Jersey: Princeton University Press.
- SANTOS, Fernando Piteira (1983). “Marx e o movimento operário português (algumas notas)”. *Vértice*, 453, 28-40.

JOSÉ EDUARDO GAMA

Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras

e23gama@gmail.com

<https://orcid.org/0009-0007-6186-0871>



